

## "O que é Feminismo?" Percepções de adultas/os brasileiras/os

"What is Feminism?" Perceptions of Brazilian adults

"¿Qué es el feminismo?" Percepciones de adultos brasileños

Recebido: 27/04/2022 | Revisado: 07/05/2022 | Aceito: 13/05/2022 | Publicado: 18/05/2022

**Tayná da Silva Ferreira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6546-0786>

IMED, Brasil

E-mail: [tayna.sfer@gmail.com](mailto:tayna.sfer@gmail.com)

**Sabrina Daiana Cúnico**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2198-9957>

Universidade Feevale, Brasil

E-mail: [sabrinacunico@yahoo.com.br](mailto:sabrinacunico@yahoo.com.br)

**Paula Andréa Prata-Ferreira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1526-491X>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: [paulaprata@gmail.com](mailto:paulaprata@gmail.com)

**Ícaro Bonamigo Gaspodini**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4177-4734>

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

E-mail: [icaroicaro@gmail.com](mailto:icaroicaro@gmail.com)

**Naiana Dapieve Patias**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9285-9602>

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

E-mail: [naipatias@hotmail.com](mailto:naipatias@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar o que adultos/as sabem sobre feminismo a partir da pergunta: "Para você, o que é feminismo?". Participaram do estudo 731 adultos/as brasileiros/as de 18 a 79 anos ( $M = 30,83$ ;  $DP = 11$ ), sendo a maioria mulheres (78%), solteiros/as (59%) e naturais do Rio Grande do Sul/Brasil (77%). As estatísticas descritivas dos dados sociodemográficos foram realizadas no *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22.0 e as respostas da pergunta analisadas no IRAMUTEQ (*Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) na versão 0.7. O resultado foi um dendograma formado por dois eixos, dois subeixos e quatro classes. O eixo "Estereótipos e percepções conflituosas" foi formado pela classe "Compreensões divergentes" e o eixo "Movimento social" foi formado pelos subeixos "Objetivos e luta" (contendo duas classes) e "Avanços sociais" (contendo uma classe). No geral, as respostas indicam bom entendimento sobre as pautas feministas e sua importância para uma sociedade menos desigual, o que contrasta com o discurso antifeminista potencializado pela atual onda conservadora no Brasil.

**Palavras-chave:** Feminismo; Representações sociais; Psicologia; Ensino.

### Abstract

The objective of this study was to investigate what adults know about feminism in Brazil by replying to this question: "What is feminism for you?". Participants were 731 Brazilian adults between 18 and 79 years old ( $M = 30.83$ ;  $SD = 11$ ), mostly women (78%), single (59%), and born in the state of Rio Grande do Sul/Brazil (77%). Descriptive statistics were performed in the *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) version 22.0 and the responses to the question analyzed in IRAMUTEQ (*Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) version 0.7. The result was a dendrogram formed by two axes, two subaxes and four classes. The axis "Conflicting stereotypes and perceptions" was formed by the class "Divergent understandings" and the axis "Social movement" was formed by the sub-axes "Objectives and struggle" (containing two classes) and "Social advances" (containing one class). In general, the answers indicate proper understanding on feminist issues and its importance to a less unequal society, which contrasts with the anti-feminist discourse enhanced by the current conservative wave in Brazil.

**Keywords:** Feminism; Social representations; Psychology; Teaching.

### Resumen

El objetivo de este estudio fue investigar qué saben los adultos sobre el feminismo a partir de la pregunta: "¿Qué es el feminismo para ti?". Un total de 731 adultos brasileños de 18 a 79 años participaron en el estudio ( $M = 30,83$ ;  $DT = 11$ ), siendo en su mayoría mujeres (78%), solteras (59%) y naturales de Rio Grande do Sul/Brasil (77%). La estadística descriptiva de los datos sociodemográficos se realizó utilizando *Statistical Package for the Social Sciences*

(SPSS) versão 22.0 y las respuestas a la pregunta fueron analizadas en IRAMUTEQ (*Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) versión 0.7. El resultado fue un dendograma compuesto por dos ejes, dos subejos y cuatro clases. El eje “Estereotipos y percepciones en conflicto” estaba formado por la clase “Concepciones divergentes” y el eje “Movimiento social” estaba formado por los subejos “Objetivos y lucha” (que contiene dos clases) y “Avances sociales” (que contiene una clase). En general, las respuestas indican una buena comprensión de las agendas feministas y su importancia para una sociedad menos desigual, lo que contrasta con el discurso antifeminista impulsado por la actual ola conservadora en Brasil.

**Palabras clave:** Feminismo; Representaciones sociales; Psicología; Enseñanza.

## 1. Introdução

Historicamente, a dicotomia entre os conceitos de feminino e masculino categorizaram os papéis sociais de homens e mulheres de forma oposta e antagônica. Nesse sentido, a função de poder foi atribuída ao masculino enquanto que ao feminino relegou-se o papel submisso tanto na sociedade quanto no desenvolvimento da cultura (Colling, 2017; Prehn & Hüning, 2017). Nesse contexto, durante séculos, a imposição cultural que recaiu sobre as mulheres foi o papel obrigatório da maternidade e dos cuidados domésticos, como se essa fosse a única função possível a ser desempenhada por elas (Da Silva et al., 2021; Scott, 1995; Silva & Frizzo, 2014).

É nesse panorama de visível desigualdade de gênero que encontramos as raízes do movimento feminista, o qual contribuiu sobremaneira para que as mulheres ganhassem espaço e força para sua independência e liberdade diante das atribuições a elas designadas (Scott, 1995; Da Silva et al., 2021; Silva & Frizzo, 2014). Não se tratava, evidentemente, de desqualificar as mulheres que eram donas de casa e se dedicavam exclusivamente aos cuidados da casa e dos/as filhos/as, mas sim de não considerar essa como a única possibilidade de vida para elas.

O movimento feminista é um movimento histórico, epistemológico, filosófico e político que surge para denunciar a desigualdade existente entre homens e mulheres em diversos âmbitos da sociedade, bem como busca lutar pela equidade de gênero. Como todo movimento social, o feminismo é composto por vertentes, ou seja, por discursos múltiplos e tendências variadas, ainda que possua uma base comum. Por essa razão é que se reconhece a existência de movimentos feministas, no plural, em detrimento de um entendimento homogêneo e único sobre as reivindicações femininas (Ballestrin, 2017).

Do ponto de vista histórico, é possível dividir tais movimentos em gerações ou fases, também chamadas de “ondas”. A primeira delas data de meados do século XIX e início do século XX e diz respeito ao surgimento do movimento feminista enquanto movimento liberal de luta das mulheres brancas e burguesas contra a discriminação e em favor da igualdade de direitos civis, políticos e educativos. Por ter como uma de suas principais pautas o direito ao voto, esse momento do movimento também é chamado de movimento das sufragistas (Da Silva et al., 2021; Garcia, 2015; Narvaz & Koller, 2006).

A segunda onde surge após um pequeno período de relativa desmobilização do movimento, que ressurgiu na década de 1960, sustentado pelo slogan “o pessoal é político”. Tal afirmação ampliava o conceito de político, até então visto pela teoria política aliado à esfera pública. Assim sendo, ao afirmar que o “pessoal é político”, o feminismo traz para o centro da discussão questões que eram vistas e tratadas como sendo do âmbito privado. Nas palavras de Costa (2005) “ao utilizar essa bandeira de luta, o movimento feminista chama a atenção das mulheres sobre o caráter político da sua opressão, vivenciada de forma isolada e individualizada no mundo do privado, identificadas como meramente pessoais” (p. 2).

A terceira onda do feminismo surge na década de 1980 e tinha como proposta a análise da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade. Para as feministas de terceira onda, o foco era pontuar que a igualdade não diz respeito à eliminação da diferença, assim como o reconhecimento da diferença não impede a igualdade. Assim sendo, a oposição binária entre esses dois termos – igualdade e diferença - apenas ocultaria a interdependência existente entre eles. Há, portanto, o deslocamento do estudo sobre as mulheres e sobre os sexos para o estudo sobre as relações de gênero (Garcia, 2015; Narvaz & Koller, 2006). É nesse momento também que os movimentos das mulheres negras, lésbicas e trans passam a

ter maior amplitude e visibilidade. Mulheres essas que não se sentiam representadas pelos movimentos anteriores, o qual se pautavam, prioritariamente, nas demandas de mulheres cis, brancas, de elite e heterossexuais.

Ainda que com algumas particularidades, o movimento feminista no Brasil não aconteceu isolado, alheio ao contexto mundial. No Brasil, assim como em outros países da América Latina, manifestações feministas já apareciam através da imprensa feminina desde a metade do século XIX. Ao final do século XIX, as mulheres constituíam uma parte significativa da força de trabalho nas indústrias, sendo a maioria da mão-de-obra encontrada na indústria têxtil. Nessa época, já era possível encontrar mulheres ligadas às lutas sindicais na defesa de melhores condições de trabalho, influenciadas pelas ideias anarquistas e socialistas trazidas pelos trabalhadores imigrantes espanhóis e italianos (Costa, 2005).

Em meio à repressão dos regimes ditatoriais na América Latina, a segunda onda do feminismo surge nos anos 1970 como consequência da luta e resistência das mulheres aos regimes militares. O movimento feminista de segunda onda no Brasil, portanto, fez parte de um amplo e heterogêneo movimento em que as lutas das mulheres contra as formas de opressão coexistiram com as lutas pela redemocratização (Costa, 2005; Sarti, 2001). Os grupos feministas estavam intimamente articulados com movimentos sociais e políticos, cujas bandeiras iam desde a busca por melhores condições de vida e a luta pela criação de creches nas fábricas e universidades, até a busca pela anistia de presos políticos e a luta pelas liberdades democráticas (Corrêa, 2001; Sarti, 2001).

O chamado feminismo popular teve início no país a partir do início dos anos 1990, quando se multiplicaram várias modalidades de lutas feministas, tais quais: as das mulheres pobres articuladas através das associações de moradores, as das operárias unidas por meio dos departamentos femininos dos sindicatos e as das trabalhadoras rurais através de suas várias organizações. Paralelamente, a agenda feminista das mulheres negras seguia avançando e ampliando os parâmetros da própria luta feminista (Costa, 2005).

Importa destacar que muitas das conquistas que atualmente amparam as mulheres brasileiras são fruto das lutas da primeira e segunda onda feminista no país. O direito ao voto e à licença-maternidade; a criminalização do assédio sexual nas relações de trabalho; a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, assim como a legalização do aborto para casos de anencefalia, são exemplos dessas conquistas (Mota, 2017).

Conforme visto, as lutas feministas vêm sendo contextualizadas diante das necessidades de cada época. Sendo assim, o movimento adapta-se para cada luta e torna-se plural e simultâneo em sua existência (Colling, 2017; Pinto, 2010; Scott, 1995). No entanto, a luta mal compreendida do feminismo ainda ecoa no meio social, fazendo com que os movimentos de mulheres sejam ridicularizados não só por muitos homens, mas também por mulheres que bradam a sua repulsa ao serem nomeadas ou reconhecidas como feministas (Garcia, 2015; Strey & Botton, 2017). A hostilização do movimento feminista entre as mulheres pôde ser evidenciada em pesquisa realizada por Swirsky e Angelone (2014) a qual revelou que muitas mulheres concordavam com as pautas levantadas e defendidas pelo feminismo, mas em função dos estereótipos associados ao movimento, hesitavam em apoiá-lo.

A importância de movimentos que coloquem em pauta as especificidades das mulheres se dá por inúmeras razões. Dentre elas, está o reconhecimento de diversas opressões diárias que ainda estão arraigadas culturalmente, como a desigualdade salarial, a baixa representação nas esferas de poder político, a criminalização do aborto e a violência simbólica, doméstica e pública (Mota, 2017).

Além disso, as pautas feministas também podem ser importantes no pensar a otimização de espaços e mobilidade urbana na medida em que utiliza a cidade como uma ferramenta de proteção às mulheres e pode contribuir para que se sintam mais seguras em estarem sós, sem a necessidade de que haja um homem junto a elas para que se sintam protegidas (Mayorga e Íñiguez Rueda, 2019). Assim como a cidade pode estar capacitada com o feminismo para dar mais segurança e liberdade para quem mora nela, as micropolíticas podem auxiliar as cidadãs a sentirem-se capazes de ocupar espaços, sejam eles de lazer,

econômicos ou qualquer outro. Com o sentimento de capacidade e com a desconstrução de paradigmas que prendem e rotulam, é possível o engajamento em um processo saudável de libertação individual e social (Dell'Aglio & Machado, 2018).

Entre esses motivos e tantos outros, os movimentos feministas se provam benéficos à sociedade de maneira geral. Dessa forma, a importância de esclarecer quais pautas são caras aos movimentos se torna necessário para que cada vez mais ele possa contribuir e não acabe se resumindo aos pré-conceitos e representações sociais difamatórias. Levando tais argumentos em consideração, o presente estudo teve como objetivo investigar o que os/as adultos/as brasileiros/as sabem sobre feminismo a partir da pergunta: "*Para você, o que é feminismo?*".

## 2. Método

### 2.1 Participantes

Participaram do estudo 731 adultos/as brasileiros/as, sendo 567 (78%) mulheres, com idades de 18 a 79 anos ( $M = 30,83$ ;  $DP = 11$ ). A maior parte dos/as adultos/as eram solteiros/as (59%), seguido de casados/as (25%), união estável (10%), divorciado/a (5%) e outra situação (1%). Quanto à naturalidade, 564 (77%) participantes eram naturais do Rio Grande do Sul, seguidos de 36 (5%) do Paraná, 35 (5%) de São Paulo e o restante distribuídos nos outros estados do Brasil. Constatou-se que 15,9% dos/as participantes tinha naturalidade diferente do atual estado de moradia. Quanto à educação formal, 21,3% tinham pós-graduação *stricto sensu* (completa ou incompleta), 20,9% pós-graduação *lato sensu* (completa ou incompleta), 51,6% ensino superior (completo ou incompleto) e 6% tinham curso técnico (completo ou incompleto) ou ensino médio. Apenas um participante tinha o ensino fundamental incompleto. Dos/as participantes que possuíam ensino superior completo, 36% dos participantes possuíam formação na área de sociais e humanas, 20% na área da saúde, 7% na área de exatas, 7% em outras áreas.

O rendimento financeiro individual teve maior concentração na faixa de ganhos entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00 (20,1%), seguido pela faixa de ganhos abaixo de R\$ 500,00 (18,9%). Já o rendimento familiar segue em ordem crescente conforme as faixas de ganho, tendo maior concentração na faixa acima de R\$ 5.000,00 (47,9%).

Grande parte dos/as participantes relatou não ter filhos/as ( $N = 533$ ; 72,9%). Das pessoas que tinham filhos/as, a maior parte possuía um/a (22,4%) ou dois (12,3%). Em relação à religião ou crença religiosa, 68% dos/as participantes respondeu ter alguma crença ou religião.

### 2.2 Instrumentos

Foi elaborado um questionário sociodemográfico, o qual continha questões sobre idade, gênero, escolaridade, religião, etc. Além disso, foi realizada uma pergunta aberta: "*Para você, o que é feminismo?*". Essa pergunta foi respondida pela internet, por meio da ferramenta Formulários Google.

### 2.3 Procedimentos éticos e de coleta de dados

O projeto de pesquisa do qual o estudo faz parte foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética (CEP) da IMED sob parecer CAAE 90354518.2.0000.5319. Após, foi realizada a coleta de dados virtual. Por meio de redes sociais (*Facebook*, *Whatsapp*, *Twitter* e *Instagram*), foi enviado o link para responder a pesquisa. Após cada participante concordar com os objetivos da pesquisa, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e com o instrumento a ser respondido, cada pessoa respondeu à pesquisa *online* e teve acesso à segunda via do TCLE por meio de um link. O link para responder ao questionário permaneceu ativo na internet durante dois meses e meio (de julho a setembro de 2018).

## 2.4 Análise dos dados

A análise dos dados da ficha de dados sociodemográfica deu-se por meio de estatística descritiva (frequências, médias e desvios-padrão) no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22.0. Já as respostas da pergunta foram analisadas por meio do software IRAMUTEQ (*Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) na versão 0.7.

O IRAMUTEQ é um programa desenvolvido por Pierre Ratinaud (Camargo & Justo, 2013; Lahlou, 2012), gratuito, com fonte aberta e licenciado pela GNU GPL (v2). Desenvolvido na linguagem Python ([www.python.org](http://www.python.org)), oferece análises estatísticas ancoradas pelo *software* R. No Brasil, seu uso foi iniciado em 2013 em estudos sobre representações sociais e, desde então, se expandiu para utilização em outros focos de pesquisa (Camargo & Justo, 2013; Souza et al., 2018).

Esse software permite diversas formas de análises estatísticas sobre *corpus* textuais. O *corpus* refere-se à reunião de textos colhidos para uma pesquisa (Trask, 2004). No caso específico deste estudo, o *corpus* textual foi formado pelas respostas dadas à pergunta da pesquisa. O estudo desse *corpus* foi realizado por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), cujo objetivo é captar o sentido do contexto textual na análise qualitativa. A CHD tem por objetivo formar classes de segmentos de texto e, posteriormente, mostrar as relações obtidas entre as classes por meio da composição de um dendograma. Trata-se de uma análise pós-fatorial que organiza e reconhece grupos de palavras que estão relacionadas. Sua finalidade é a construção de classes (subeixos) que tenham, entre si, proximidade, distanciamento ou oposição. O critério de inclusão de elementos seguido para a formação do dendograma foi o nível de significância ( $p < 0,001$ ) como ponto de corte.

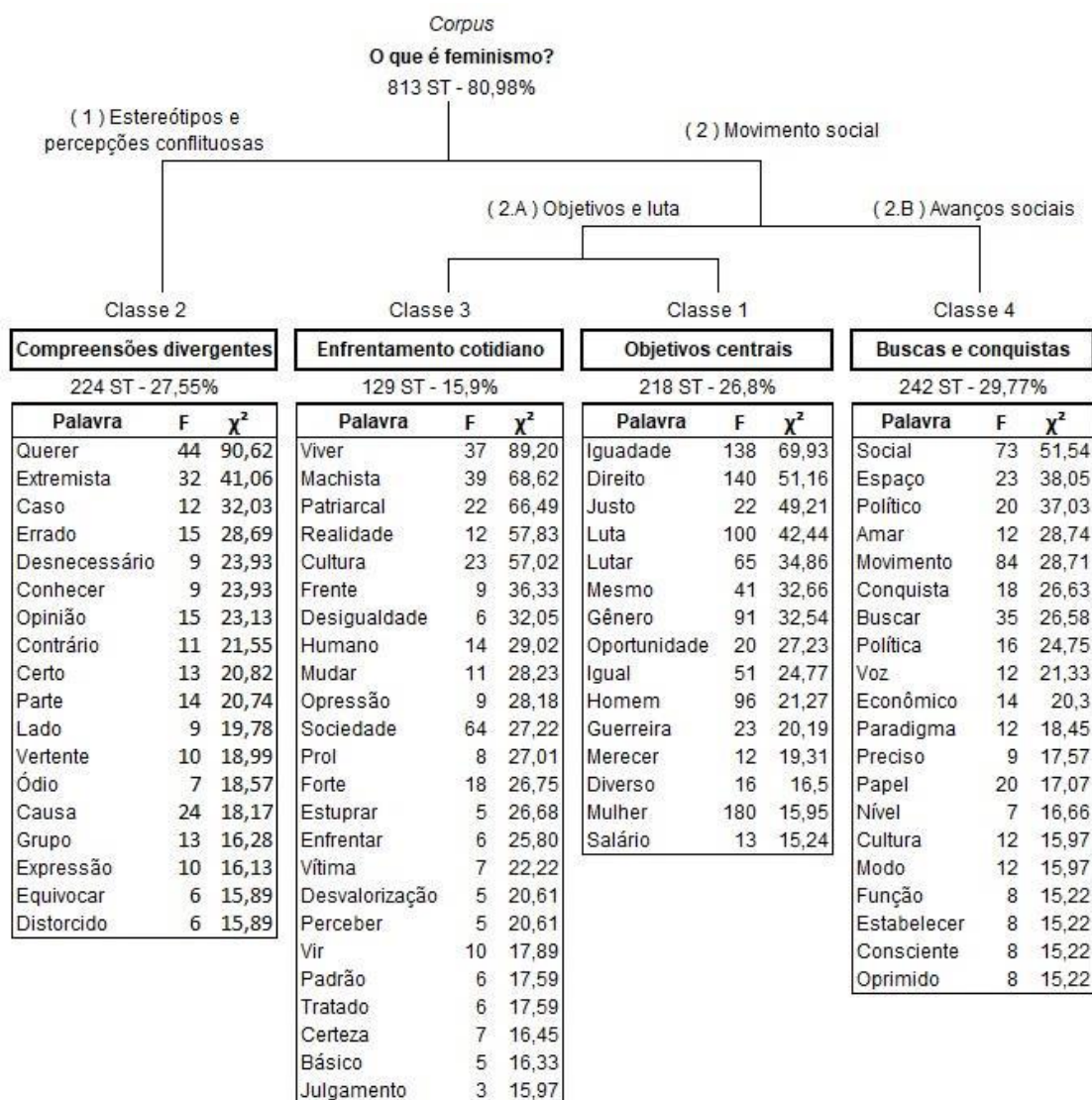
## 3. Resultados

O IRAMUTEQ reconheceu o *corpus* com 731 participantes divididos em 813 Segmentos de Texto (ST). Para que seja possível a realização da análise textual é necessária uma retenção mínima de 75% (Camargo & Justo, 2013). Na Classificação Hierárquica Descendente (CHD) foi utilizado 80,98% do *corpus* que, conseqüentemente, produziu um dendograma (Figura 1) formado por dois eixos, dois subeixos e quatro classes. De acordo com o percentual de ST's retidos, cada um dos quatro subeixos se mostrou com maior ou menor relevância. Avaliou-se as classes/categorias, as relações internas entre as palavras e os ST's, como também as associações entre os subeixos (proximidade, distanciamento ou oposição).

O dendograma da Figura 1 mostra o princípio relacional sobre "*O que é feminismo?*" dividido em dois eixos: 1) Estereótipos e percepções conflituosas e 2) Movimento social. O primeiro eixo é formado por uma única classe (Compreensões divergentes). O segundo eixo, por sua vez, se divide em dois subeixos: 2.A) Objetivos e luta, contendo duas classes, e 2.B) Avanços sociais, contendo uma única classe.



**Figura 1 – “O que é feminismo?”**



Fonte: Autores – resultado IRAMUTEQ.

Na classe 2 (Compreensões divergentes), o percentual de ST's retidos é o segundo maior em relação a todo o dendograma (27,55%). Os elementos (palavras) com maior associação na classe ( $\chi^2$  elevado) são: querer, extremista, caso, errado, desnecessário, conhecer, opinião, contrário, certo, parte, lado, vertente, ódio, causa, grupo, expressão, equivocar e distorcido. A seguir, com o intuito de ilustrar os resultados, foram selecionadas frases que trazem o grifo do IRAMUTEQ.

(P128): Penso que todas deveriam ser. Porém, sabemos que, às vezes, objetivo do feminismo chega distorcido para muitas ou por vezes nem chega.

(P100): Uma bobagem. Uma ideia distorcida de igualdade que está sendo redimensionado a um extremismo exacerbado e sem limites.

(P024): Primeiro é um ato de coragem. Movimento, organização social, essencial para que as mulheres se empoderem, se unam e defendam suas causas. Tem como causa: dar às mulheres a oportunidade de ser o que elas quiserem ser.

(P176): Uma ideia que busca lutar contra o machismo e por direitos iguais. Mas, em alguns casos extremos, há ódio contra homens, apenas pela diferença de sexo.

(P182): Exaltação ou ampliação da figura da mulher. Em detrimento de atos errôneos, desnecessários e equivocados do sexo oposto. Possuem o direito de expressão.

As classes 3 (Enfrentamento cotidiano), 1 (Objetivos centrais) e 4 (Buscas e conquistas) pertencem a dois subeixos do eixo “Movimento social”. São representações que explicitam aspectos centrais do movimento, tais como seus objetivos, suas formas de enfrentamento cotidiano e suas conquistas. Na classe 3 (Enfrentamento cotidiano), os elementos (palavras) que apresentaram maior associação ( $\chi^2$  elevado) foram: viver, machista, patriarcal, realidade, cultura, frente, desigualdade, humano, mudar, opressão, sociedade, prol, forte, estuprar, enfrentar, vítima, desvalorização, perceber, vir, padrão, tratado, certeza, básico e julgamento. Essa classe mostra as necessidades e razões que fizeram o feminismo emergir na sociedade. Uma luta que vem de longa data e que, dentre outras causas, enfrenta comportamentos desrespeitosos para a condição humana, mas ainda enraizados e naturalizados como “aceitos” na sociedade. Como pode ser visto nas falas a seguir, tais situações corroboram para sua continuidade, pois se são culturalmente perpetuados, ganham pouca visibilidade para mudanças necessárias.

(P294): É uma luta para direitos iguais entre homens e mulheres. Muito necessário. É apenas um passo para mudar o atual contexto patriarcal e machista que vivemos.

(P128): Uma cultura machista que precisa ser repensada e o feminismo vem de encontro a isso.

(P043): Ainda vivemos numa sociedade extremamente patriarcal e machista e que atitudes de violência, tanto física quanto moral, ainda são toleradas. Desigualdade no trabalho também. Também não é raro vermos pessoas acusando as vítimas, de que se foram estupradas ou sofreram algum tipo de discriminação, é porque pediram. Por isso o feminismo é muito necessário.

(P604): O feminismo fez com que eu encontrasse minha voz e passasse a perceber todos os absurdos que antes estavam naturalizados.

(P250): Vivemos em uma sociedade patriarcal em que o machismo existe perpetuando a desigualdade de direitos, como por exemplo, a divergência salarial. São mulheres corajosas por enfrentarem práticas arraigadas em prol dos seus direitos.

(P248): Somos mulheres que já sofremos muitas adversidades nessa cultura machista e não nos acomodamos e não aceitamos mais sermos tratadas com inferioridade.

(P652): Ainda vivemos em uma sociedade em que as mulheres são subjugadas pelo patriarcado em diversas áreas.

Na classe 1 (Objetivos centrais), o percentual de ST's retidos é o terceiro maior em relação a todo o dendograma (26,8%). Os elementos (palavras) com maior associação na classe ( $\chi^2$  elevado) foram: igualdade, direito, justo, luta, lutar, mesmo, gênero, oportunidade, igual, homem, guerreira, merecer, diverso, mulher e salário. A classe 1 mostra a fundamentação da luta feminista contra a opressão de gênero, de classe social e etnia. É possível identificar a desigualdade inserida com práticas discriminantes e opressivas ao longo de anos de história social.

(P045): Busca pela igualdade de gênero no qual mulheres tenham reconhecimento. Muito necessário.

(P011): A ideia de que mulheres devem ter os mesmos direitos e oportunidades que homens. Existe muita desigualdade de gênero na nossa sociedade.

(P480): É lutar pelos ideais das mulheres que deveriam ser de nosso direito. Porém, infelizmente, ainda existe essa batalha. É o único meio de conseguir o respeito que merecemos.

(P248): É a busca incansável de mulheres e homens por direitos e deveres iguais. É fundamental, pois beneficia mulheres e homens, luta contra o machismo que mata e fere inúmeras mulheres. Busca direitos femininos iguais aos dos homens como salários, carga de trabalho, valorização. O feminismo torna homens e mulheres semelhantes. Eu sou uma mulher feminista. Luto todos os dias por respeito, por igualdade. Sofro todos os dias por conta do machismo. Então eu penso que as mulheres feministas são mulheres incrivelmente fortes, com propósitos que beneficiam todas nós e todos nós. Queremos mais. Lutamos por mais e conseguiremos mais.

Por fim, na classe 4 (Buscas e conquistas), o percentual de ST's retidos foi o maior em relação a todo o dendograma (29,87%). Os elementos (palavras) com maior associação na classe ( $\chi^2$  elevado) foram: social, espaço, político, amar, movimento, conquista, buscar, política, voz, econômico, paradigma, preciso, papel, nível, cultura, modo, função, estabelecer, consciente e oprimido. Essa classe mostra as conquistas, buscas e conscientização das lutas que o feminismo enfrentou e ainda tem por enfrentar.

(P104): Movimento social que preconiza o aprimoramento e ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade.

(P114): Saber ocupar nosso espaço para se fazer representar. Amo.

(P153): É um movimento social que dá voz a pessoas que anteriormente não tinham essa possibilidade.

(P075): Uma ideologia que desconstrói o paradigma social repetido de forma patológica que diz que as mulheres necessariamente são coisas que não são e as limita com determinadas características e funções de mulher. O feminismo é necessário para a evolução da sociedade e das relações humanas.

(P292): A luta pela igualdade de direitos e condições sociais, econômicas e de trabalho entre homens e mulheres. (...) É preciso continuar lutando para mudar esse cenário.

(P053): Feministas são mulheres conscientes do seu papel como sujeito de suas histórias.

(P495): Uma filosofia de vida que tem como objetivo alcançar a equidade de direitos entre gêneros. Muito necessário. Pois apesar de todas as conquistas das mulheres nas últimas décadas, ainda vivemos numa sociedade patriarcal e machista onde se banaliza e tolera diversos tipos de violência e preconceito contra as mulheres.

(P652): O feminismo é uma peça essencial para que este quadro se reverta. São guerreiras que dão voz aos problemas que vivemos e buscam soluções, mas que muitas vezes são mal interpretadas em decorrência da sociedade machista.

Na classe 3 (Enfrentamento cotidiano), o percentual de ST's retidos foi de 15,9%, enquanto que para a classe 1 (Objetivos centrais) foi de 26,8%. Essa diferença percentual pode sugerir que os verdadeiros objetivos da causa feminista têm um peso maior que o espaço encontrado para sua penetração no cotidiano. De certa forma, isso sustenta o entendimento que, apesar das bandeiras sociais de grande peso, no dia a dia o movimento feminista ainda não encontra a visibilidade que merece para o enfrentamento de seus problemas.

#### 4. Discussão

Como todo movimento social, as compreensões sobre o movimento feminista podem ser divergentes ou mesmo contraditórias. Se por um lado entende-se a importância da causa para todos, e não só para mulheres, ainda é possível notar opiniões baseadas em preconceito, falta de informação e distorções que afastam possíveis adesões ao movimento. Assim, como pôde ser visto na classe 2 (Compreensões divergentes), a compreensão sobre o que é o feminismo e suas lutas mostrou-se caracterizado por um discurso conflitante entre elementos incompatíveis com seus reais objetivos. Essa classe, ao apresentar visões conflitantes, representa a falta de informação ou desconhecimento da população em geral acerca do movimento, que desde muito tempo vem sofrendo discriminação.

Durante o regime militar no Brasil, por exemplo, o movimento feminista foi divulgado como subversivo aos valores tradicionais por tratar de liberdade sexual, novos contextos de família e controle sobre o próprio corpo, dando às mulheres o poder de lutar por sua liberdade individual e, conseqüentemente, se desprendendo da cultura que as colocava em posição submissa ao homem. As mulheres poderiam, a partir desde momento, decidir sobre seu corpo utilizando das pílulas anticoncepcionais e lutar em busca da descriminalização do aborto (Pinto, 2010). Como era de se supor, neste período, o feminismo foi divulgado negativamente, sendo que muitos/as brasileiros/as na época tinham vergonha de que suas filhas se reconhecessem como feministas, pois eram vistas como destruidoras dos valores da família (Colling, 2017; Duarte, 2003).



Ainda assim, as respostas contidas na classe 3 (Enfrentamento cotidiano) permitem apontar para um entendimento do movimento feminista enquanto articulador de pensamentos e ações que visam não a “guerra entre os sexos”, mas sim a desconstrução de uma sociedade que naturaliza a desigualdade e a violência contra as mulheres – um entendimento crítico e empoderado dos objetivos do movimento. A partir disso, pode-se pensar que é justamente o fato de propor uma desconstrução social que faz dos movimentos feministas alvos de ataques constantes por aqueles que buscam anular metaforicamente suas lutas, uma vez que esses movimentos ameaçam o equilíbrio da ordem tradicional de gênero. Em outros termos, a ação libertadora proposta pelo feminismo ameaça aqueles que se beneficiam do sistema patriarcal, o que explica o foco em manter uma conotação negativa dos movimentos (Silva et al., 2013).

Tal como já explicitado, inicialmente, o feminismo lutou por objetivos mais abrangentes, como o direito ao voto, por exemplo. No entanto, com o reconhecimento de que a categoria mulher não é única e/ou homogênea, foi percebendo-se nuances dentro do movimento, que derivam categorias outras, tais como classe, raça, gênero e sexualidade. Por meio desses eixos o movimento ganhou pluralidade nas suas lutas e objetivos, derivados de cada grupo feminista, que se uniu diante de suas semelhanças em suas reivindicações (Colling, 2017; Pinto, 2010; Sarti, 2004; Scott, 1995). O surgimento do movimento ocorreu para reformular a sociedade nas questões de gênero, assim como para redefinir o papel da mulher, trazendo uma problemática que se faz presente até os dias de hoje (Colling, 2017; Daflon, Costa, & Borba, 2021; Duarte, 2003).

De modo geral, é possível afirmar que os resultados apresentados neste estudo descortinam a ideia de que o feminismo – independentemente de sua vertente – é um movimento que busca igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres. Essa questão ficou evidente nas respostas agrupadas na Classe 1 (Objetivos centrais), em que o feminismo foi representado como sendo um movimento que reconhece que apesar de mulheres e homens possuírem experiências distintas, é necessário lutar por oportunidades justas para todos.

As críticas ao movimento, no entanto, desconsideram o histórico de subjugação das mulheres, bem como tentam minimizar as conquistas tidas pelo movimento ao longo da história. Nesse panorama, interessa pontuar que muitas das críticas focam prioritariamente na desqualificação das mulheres ativistas, as quais são chamadas de frustradas sexualmente, masculinizadas, agressivas, etc. Elementos que justificariam a sua não feminilidade e, portanto, suas motivações para promoverem “ataques” aos homens (Garcia, 2015; Silva et al., 2013; Soihet, 2005).

As concepções errôneas e equivocadas sobre os objetivos e propostas feministas não são partilhadas somente por homens que gozam da dominação masculina herdada persistente do patriarcado. Elas também são consumidas por mulheres impregnadas dos valores patriarcais que se mantêm na alienação dos pressupostos do movimento e que ativamente rechaçam o movimento ou às militantes (Soihet, 2005). Pode-se pensar que a resistência de muitas mulheres em se ater ao feminismo e reconhecer as desigualdades de gênero presentes ainda hoje na sociedade deriva da dificuldade de rever muitos de seus papéis e posicionamentos na vida. Desconstruir verdades e ampliar a consciência sobre fatos do micro e do macrocosmo social produz desconforto, ainda que abra espaço para escolhas de vida mais livres (Silva et al., 2013).

Ao nos depararmos com a realidade social que deu ensejo ao início do movimento feminista, no século XIX, é razoável afirmar que vivenciamos uma realidade diametralmente oposta nos dias de hoje. As mulheres votam, estudam e trabalham sem a permissão dos pais ou maridos, escolhem seus parceiros conjugais e também optam ou não pela maternidade. Essa realidade é, não raramente, utilizada como argumento para justificar a inutilidade do movimento feminista atualmente.

Vale lembrar, no entanto, que as temáticas do feminismo não se limitam às conquistas já descritas. O reconhecimento de que ainda vivemos numa sociedade desigual e que ainda existem espaços não ocupados legitimamente por mulheres foram questões que apareceram nas respostas agrupadas na Classe 4 (buscas e conquistas). Ademais, a admiração pelas pessoas que personificam e lutam por essas conquistas também foi algo relatado pelas/os participantes do estudo.

A esse respeito, é importante lembrar que o feminismo abraça as questões da sexualidade feminina e dos direitos reprodutivos e sexuais, além de colocar em pauta as discussões sobre o aborto, sobre a maternidade compulsória, sobre o corpo da mulher e as violências domésticas, familiares e simbólicas sofridas por elas. Ademais, a representação midiática das mulheres, a linguagem sexista presente na publicidade, as diferenças salariais e também as especificidades de mulheres negras, lésbicas, trabalhadoras urbanas e rurais, prostitutas, empresárias e tantas outras seguem sendo palco para problematizações, o que justifica a continuidade do ativismo feminista.

## 5. Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo investigar o que os/as adultos/as sabem sobre feminismo a partir da pergunta: "Para você, o que é feminismo?". A maioria dos participantes foi mulheres, com escolaridade a nível de graduação e pós-graduação, solteiras e sem filhos/as. Ainda que definir com precisão o feminismo seja uma tarefa árdua, uma vez que como todo movimento social apresenta suas contradições, avanços e recuos, as/os participantes, de modo geral, demonstraram bom entendimento sobre as pautas feministas e sua importância para uma sociedade menos desigual. Para elas/eles, o feminismo é um movimento de expressão e de luta que busca dar as mulheres igualdade de direitos no seio de uma sociedade machista e patriarcal.

Os resultados dessa pesquisa contrastam com a força do discurso antifeminista ainda existente no Brasil, potencializado recentemente pela onda conservadora – fundamentada em princípios religiosos que entende o papel da mulher prioritariamente como cuidadora – e que ganhou força no país nos últimos anos. No foco desses confrontos entre feminismo e antifeminismo está, frequentemente, a representação sobre o sujeito mulher, o qual assume distintas imagens ao considerarmos os domínios estéticos e religiosos, por exemplo. Em outras palavras, há uma dicotomia forjada de que as mulheres podem ser divididas entre femininas ou feministas, defensoras ou inimigas da instituição família, bem ou mal-amadas, históricas ou ponderadas, etc.

A sistemática depreciação e deslegitimação dos movimentos feministas alimenta, sem sombra de dúvida, a manutenção de uma realidade que ainda vê as mulheres como seres inferiores e objetivos. Tal inferiorização se reflete na desigualdade salarial, nos números de violência e feminicídio cometido contra elas, nas oportunidades desiguais de trabalho, bem como na sobrecarga vivenciada pelas duplas ou triplas jornadas (Assis & Podewils, 2021). Ademais, a ideia de que as mulheres são seres homogêneos e que apresentam demandas iguais também desconsidera a intersecção entre gênero, raça, classe e sexualidade, fazendo uma leitura rasa e estereotipada das especificidades femininas.

Considerando que os movimentos feministas são movimentos de crítica da realidade social, política e econômica vigente, não é de se estranhar que seja alvo de ataques e discursos conspiratórios que buscam a manutenção de privilégios. Ainda que tenhamos consciência de que um artigo científico não é o suficiente para frear os discursos reducionistas que buscam vulgarizar o feminismo e tratá-lo por meio de conotações pejorativas e preconceituosas, entendemos que difundir e esclarecer sobre a importância do ativismo feminista é um primeiro passo, sendo fundamental entre todos/as aqueles/as que buscam uma sociedade mais equânime e pautada nos direitos humanos. Posto isso, sugere-se que novos estudos possam dar continuidade e aprofundamento na análise das representações sociais associadas aos movimentos feministas.

## Referências

- Assis, L. L., & Podewils, T. L. (2021). Mulheres no capitalismo: notas para uma educação feminista. *Research, Society and Development*, 10(7), 1-15. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16234>
- Ballestrin, Luciana Maria de Aragão (2017). Feminismos Subalternos. *Revista Estudos Feministas*, 25(3), 1035-1054. doi: 10.1590/1806-9584.2017v25n3p1035
- Camargo, Brígido Vizeu & Justo, Ana Maria (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518. doi: 10.9788/TP2013.2-16

- Colling, Ana Maria (2017). As mulheres e a ditadura militar no Brasil. *História em Revista*, 10(10), 1-10. doi: 10.15210/HR.V10I10.11605.G7457
- Corrêa, Mariza. (2001). Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos Pagu*, (16), 13-30.
- Costa, Ana Alice Alcantara (2005). O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Labrys*, (7), 1-20. doi: 10.22409/rg.v5i2.380
- Da Silva, J. P. A., Do Carmo, V. M., & Ramos, G. B. J. R. (2021). As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva*, 7(1), 101-122. <https://indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/view/7948/pdf>
- Daflon, V. T., Costa, D. T., & Borba, F. (2021). Gênero, feminismo e geração: uma análise dos perfis e opiniões das mulheres manifestantes no Rio de Janeiro. *Cadernos Pagu*, 61, 1-20. doi: <https://doi.org/10.1590/18094449202100610002>
- Dell'aglio, Daniela Dalbosco, & Machado, Paula Sandrine (2018). Feminismo e o anarquismo pelas bordas: a resistência enquanto ação política. *Conversas & Controvérsias*, 5(1), 44-56. doi: 10.15448/2178-5694.2018.1.30239
- Duarte, Constância Lima (2003). Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos avançados*, 17(49), 151-172. doi: 10.1590/S0103-40142003000300010
- Garcia, Carla Cristina (2015). *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade.
- Lahlou, Saadi (2012). Text mining methods: An answer to Chartier and Meunier. *Papers on Social Representations*, 20(38), 1-7.
- Mayorga, Claudia, & Íñiguez Rueda, Lupicínio (2019). Gênero, feminismo e cidades. *URBS: Revista de estudios urbanos y ciencias sociales*, 9(1), 9-15.
- Mota, Keli Rocha Silva (2017). Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país. *Revista Extraprensa*, 11(1), 108-127. Doi: 10.11606/extraprensa2017.139729
- Narvaz, Martha Giudice, & Koller, Sílvia Helena (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 647-654. doi: 10.1590/S1413-73722006000300021
- Pinto, Céli Regina Jardim (2010). Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, 18(36), 15-23. doi: 10.1590/S0104-44782010000200003
- Prehn, Denise Rodrigues, & Hüning, Simone M (2017). O movimento feminista e a psicologia. *Psicologia Argumento*, 23(42), 65-71. doi: 10.7213/psicolargum.v23i42.20101
- Sarti, Cynthia. A (2001). Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. *Cadernos Pagu*, 16, 31-48. doi 10.1590/S0104-83332001000100003
- Scott, Joan (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Silva, Marília Saldanha da, Scarparo, Helena Beatriz Kochenborger, & Strey, Marlene Neves (2013). Por que não somos todas feministas?. *Diálogo*, 22, 107-116. doi: 10.18316/913
- Soihet, Rachel (2005). Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Revista Estudos Feministas*, 13(3), 591-612. doi: 10.1590/S0104-026X2005000300008
- Souza, Marli Aparecida Rocha de et al (2018). O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 52, e03353. doi: 10.1590/s1980-220x2017015003353
- Swirsky, Jill M., & Angelone, D. J (2014). Femi-nazis and bra burning crazies: A qualitative evaluation of contemporary beliefs about feminism. *Current Psychology*, 33(3), 229-245. doi: 10.1007/s12144-014-9208-7
- Silva, Isabela Machado da, & Frizzo, Giana Bitencourt (2014). Ter ou não ter? Uma revisão da literatura sobre casais sem filhos por opção. *Pensando Famílias*, 18(2), 48-61.
- Strey, Marlene Neves., & Botton, Andressa (2017). Estudos de Gênero e os movimentos feministas na interface com a saúde coletiva: por onde caminha a Psicologia Social? In: A., Roso (Org.), *Crítica e dialogicidade em Psicologia Social: Saúde, Minorias Sociais e Comunicação*. (pp. 30-50). EDUFMS: Santa Maria – RS.
- Trask, R. L (2004). *Dicionário de linguagem e linguística*. (R. Ilari, Trans.). Contexto: Rio de Janeiro.